

CAPÍTULO 5

FALSAS NARRATIVAS DA PANDEMIA NO BRASIL: DESINFORMAÇÃO NA PÁGINA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE E CHECADORES

*False Pandemic Narratives in Brazil: misinformation on the Ministry of
Health website and checkers*

Gislane Pereira Santana¹

Elmira Luzia Melo Soares Simeão²

1. Santana GP. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de Brasília– UnB. Orcid: 0000-0002-8230-562X. E-mail: santana1204@gmail.com

2. Simeão ELMS. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de Brasília– UnB. Orcid: 0000-0003-3961-8097. E-mail: elmira@unb.breelmirasimeao@gmail.com

Resumo

Este capítulo apresenta resultados parciais de uma investigação sobre o contexto da desinformação e sua repercussão na fase inicial de contágio da covid-19 no Brasil, observando as principais narrativas falsas que surgiram no início de 2020. Além de examinar os dados, foram identificadas, também, nas mídias convencionais, as reações das autoridades de governo como um componente que agravou a situação no período mais crítico da doença no país. A análise avalia serviços de checagem disponibilizados na página do Ministério da Saúde e prossegue averiguando as informações de outros portais ‘checadores’, plataformas especializadas em apurar informações. Como principal resultado, conclui-se que as falsas narrativas, incluindo a do próprio governo, tentavam minimizar a gravidade da doença apresentando à população soluções ou tratamentos para a cura da doença. Outras narrativas indicavam conspiração ou tentavam questionar o isolamento social.

Palavras-chave: Desinformação. Coronavírus. Covid-19. Falsas narrativas. *Fakenews*.

Abstract

This chapter presents partial results of an investigation into the context of disinformation and its repercussions in the initial contagion phase of covid-19 in Brazil, observing false narratives that emerged in early 2020. In addition to evaluating the data, they were also identified in the conventional media there actions of government authorities as a component that worsened the situation in the most critical period of the disease in the country. The analysis evaluates checking services made available on the Ministry of Health website and continues to investigate information from other “checker” portals, platforms specialized in collecting information. As a main result, it is concluded that the false narratives, including the government site, tried to minimize the severity of the disease by presenting the population with solution so treatments to cure the disease. Others narratives indicated conspiracy or attempted to question social isolation.

Keywords: Disinformation. Coronavirus. Covid-19. False narratives. Fake news.

Introdução

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, o mais alto nível de alerta da OMS, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Baseada no surto causado pelo novo coronavírus e dois meses depois desse alerta, em março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela mesma organização como uma pandemia, ou seja, a disseminação mundial de uma nova doença. Essa denominação é adotada quando uma epidemia, surto que afeta uma região, espalha-se por diferentes continentes com transmissão de pessoa para pessoa. A Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e a OMS estão prestando apoio técnico ao Brasil e a outros países com medidas preventivas, tentando conter o avanço da doença e incentivando a integração de esforços para ajudar os países onde a doença já matou milhares de pessoas. A maior preocupação é com o impacto nas populações mais vulneráveis que necessitam de apoio internacional¹.

A partir do primeiro caso notificado da doença no Brasil, em março de 2020, houve muita apreensão sobre as medidas de isolamento e uma preocupação com o cenário de países como a Itália e a Espanha, que registraram, em período mais crítico, mais de mil mortes por dia. O vírus teve sua propagação inicial na província de Wuhan na China, que, no final da primeira fase, registrou quase 100 mil mortes. Desde então, em uma escalada impressionante, o vírus bateu recordes de mortes nos Estados Unidos e no Brasil. Mesmo com todos os exemplos dramáticos de países europeus no início do ano, o platô de contágio no Brasil permaneceu estável por meses com 1.000/1.200 mortes diárias em média. A dimensão continental torna o controle da doença mais complexo, e com diferentes curvas de contágio nos estados da federação que apresentam diferentes estratégias de enfrentamento. A batalha contra o vírus parece não ter fim, pois, além de não termos vacina ou tratamento definitivo, as informações sobre a doença são desconstruídas; e as autoridades não têm conseguido esclarecer ou convencer a população sobre a gravidade do momento. As ondas de contágio são episódicas e oscilam em diferentes proporções em cada estado do Brasil o que torna o controle ainda mais difícil.

Enquanto acompanhavam a expansão do vírus, as autoridades sanitárias tentavam preparar os profissionais da linha de frente para enfrentar um desafio ainda maior: tratar pacientes com a doença desconhecida, arriscando a própria vida. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Ministério da Saúde (MS) promoveram diversos treinamentos para diagnóstico laboratorial e detecção molecular do vírus¹ e orientavam para os cuidados iniciais nos hospitais e Unidades de Pronto Atendimento (UPA) no Sistema Único de Saúde (SUS). Entretanto, no momento inicial do agravamento, não foi prioridade para orga-

nizações nacionais ou internacionais desenvolver estratégias para o combate à desinformação no contexto da pandemia. Os meios de comunicação tentaram orientar, mas também noticiaram com preocupação a indicação de medicamentos como a Cloroquina mesmo com a falta de sucesso das pesquisas iniciais com o remédio. A droga foi defendida pelos presidentes dos Estados Unidos e do Brasil, de forma precipitada, sem que testes conclusivos apontassem possibilidades de cura. Mais tarde, ficou comprovado o engano sobre a falsa medicação, e que eram falsas também as afirmações dos governantes e de seus seguidores nas redes sociais sobre o remédio. Esse episódio é uma das muitas contradições apuradas no discurso de autoridades durante o primeiro ano da pandemia no Brasil e uma das falsas receitas de cura indicadas nas redes sociais.

Além da demora nas ações de combate à pandemia, o presidente do Brasil, no início da crise sanitária, em uma das primeiras coletivas realizadas com o ministro da saúde, de acordo com Ohana, tentou minimizar a doença²:

De máscara no rosto, o presidente Jair Bolsonaro ironizou a epidemia de coronavírus no Brasil e chamou a doença de ‘gripezinha’, durante coletiva no Palácio do Planalto, nesta sexta-feira 20. Na ocasião, ele e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, comunicavam ações do governo de combate à doença.

Bolsonaro havia sido perguntado se divulgará o documento do exame que comprova que seu teste deu negativo. O presidente se negou a revelar o teste e disse que mesmo uma situação de contágio não irá ‘derrubá-lo’.

‘Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar não, tá ok?’, afirmou o presidente. Se o médico ou o Ministério da Saúde me recomendar um novo exame, eu farei. Caso contrário, me comportarei como qualquer um de vocês aqui presentes.

Depois dessa entrevista, em outros pronunciamentos, o presidente continuou usando termos inadequados – tais como: ‘fantasia’, ‘histeria’ e ‘gripezinha’ – para tentar minimizar a crise sanitária³.

Desde o início da disseminação do novo coronavírus (covid-19) no Brasil o presidente, Jair Bolsonaro, (sem partido), tem insistido em minimizar os riscos da pandemia à saúde pública. Isso fica claro nos atos e falas do chefe do executivo. Apenas no mês de março, o presidente utilizou as expressões, ‘histeria’, ‘gripezinha’ e ‘fantasia’ para se referir à doença, além de, dizer que a situação não pode ser tratada como ‘se fosse o fim do mundo’.

O presidente Bolsonaro, contrariando a OMS e as orientações dos especialistas em saúde, foi a vários atos públicos promovendo aglomeração de pessoas simpatizantes de seu governo para minimizar a pandemia. Ademais, pediu à população que voltasse as atividades normais lançando a campanha ‘O Brasil não pode parar’⁴.

Combatendo um inimigo visível e ativo nas redes

A pandemia traz no cenário internacional não só uma crise sanitária sem precedentes, mas também o desafio no combate a cultura da desinformação. Além de medidas educativas, é preciso utilizar a tecnologia como um recurso que melhora a qualidade dos processos de comunicação, tornando-os mais seletivos e orientados ao usuário⁵, o que oportuniza contribuições significativas à qualidade nas tarefas de mediação e relacionamentos entre grupos e pessoas nas redes sociais. Para enfrentar o fenômeno das *fakenews*, o emprego das tecnologias deve facilitar o acesso e uso dos serviços informacionais, com dispositivos que identifiquem ou, pelo menos, indiquem a possibilidade de fraudes ou a circulação de informações duvidosas. Para isso, devem-se promover pesquisas sobre procedimentos de orientação a grupos de multiplicadores, mediadores ou formadores de opinião.

Estamos diante de uma pesquisa necessariamente multidisciplinar e urgente no cenário internacional. É necessário tornar os *softwares* mais eficientes em identificar possíveis manipulações ou inconsistências, e também estimular a educação ética nos usuários e produtores de mensagens⁶. Nessa tarefa, é fundamental integrar esforços de especialistas da saúde com outras áreas do conhecimento, com destaque para a área de Comunicação e Ciência da Informação, Computação e Educação.

É importante lembrar a necessidade de medidas educativas e de conscientização já que a simples reflexão sobre os prejuízos imateriais são suficientes para decidir sobre a inquestionável obrigatoriedade do uso ético dos meios e mensagens sobre saúde pública em campanhas e situações de crise sanitária. Por outro lado, desenvolver e atualizar métodos que ensinem de forma maciça o uso mais competente em relação a práticas de pesquisa e seleção de fontes de informação nos ambientes de trabalho, nas escolas e universidades, e nas comunidades trabalhar para uma educação no uso de fontes, na responsabilidade que todos devem ter nas redes sociais como o alerta sobre os riscos de disseminar informações falsas. Lembrando que a identificação de fontes e pessoas confiáveis é uma aprendizagem permanente e ao longo da vida, e que a manipulação de dados e a falsa informação disseminada de forma proposital são crime, podendo ter consequências graves⁶.

Ao mesmo tempo que se ‘fabricam’ e se disseminam notícias falsas, também surgem ferramentas para combatê-las. Iniciativas como a criação de *sites* verificadores da autenticidade de notícias, conhecidos como *fact-checking* ou ‘checadores’, objetivam minimizar a disseminação de informações de teor falso. É uma estratégia importante que tem ocupado muitos especialistas do jornalismo e da computação.

A verificação de fatos ou checagem de fatos refere-se ao trabalho de confirmar e comprovar informações e dados citados em discursos publicados nos meios de comunicação e em outras publicações oficiais ou não. Esses checadores têm compromisso com o não partidarismo e com a verdade, com transparência das fontes, do financiamento, da metodologia e da política de correções abertas e honestas⁷. Geralmente, são organizações independentes e signatárias do código de princípios da *International Fact-Checking Network* (IFCN), rede organizada pelo Instituto Poynter, dos Estados Unidos, que reúne os principais sites de *fact-checking* do mundo. Os signatários passam por avaliações para verificar o cumprimento do código de princípios da IFCN⁸.

Em todo o mundo, algumas resoluções governamentais e empresariais têm sido empreendidas para impedir que notícias falsas sejam disseminadas provocando prejuízos morais e econômicos⁹. Os *softwares* desenvolvidos para automatizar processos trabalham com robôs que simulam ações idênticas a um usuário humano. Integrados com Inteligência Artificial, de uma forma simples, extraem textos, com análise semântica e mineração.

Material e Métodos

Nesta pesquisa, utilizou-se um robô para coleta das informações tanto em checadores quanto na página do MS. Além disso, foi usado o *Voyant Tools*, um aplicativo baseado na *Web* de código aberto que permite que usuários trabalhem com seus próprios textos ou coleções de textos e executem funções básicas de mineração. Essas funções possibilitam extrair rapidamente características de um texto e descobrir temáticas mais comentadas ou tendenciosas daquele discurso¹⁰. O objetivo da investigação é levantar informações que colaboram para identificar o impacto da desinformação no contexto da saúde pública durante o primeiro ano da pandemia no Brasil. O trabalho traz, inicialmente, uma contextualização da proliferação das notícias falsas sobre a covid-19 no país e seus impactos sob o ponto de vista informacional, bem como a desconstrução de alguns enunciados. Em um segundo momento, apresenta aspectos que demonstram o desalinhamento entre informações divulgadas pelo governo federal e as autoridades sanitárias, transformando a pandemia em um embate político. Esse fato gerou desconfiância na população sobre a eficácia das medidas de isolamento e provocou discussões e ações judiciais. O terceiro momento é caracterizado pela busca de informações no site do MS sobre os alertas para notícias falsas e os dilemas de tratamentos anunciados erroneamente pelo governo.

Com o intuito de identificar as notícias falsas nas redes sociais e combater a desinformação, o MS do Brasil alinhou-se, no início de 2020, com o projeto *Coronavírus Facts Alliance*, uma rede formada por várias organizações distribuídas em cerca de 40 países¹¹. Entretanto, esse consórcio parece não ser efetivo no Brasil, já que, no próprio MS, há divergências sobre procedimentos para a condução das ações de combate ao vírus. A criação de uma página para registro e checagem, uma das iniciativas que marcariam esse movimento, não prosperou ao longo do ano, pois o trabalho ficou desatualizado, bem a tempo de não incluir as falas de ministros ou da presidência e de outras autoridades que divulgaram orientações equivocadas sobre as doenças.

Ainda em janeiro, quando o vírus parecia não assustar no Brasil, os técnicos do MS criaram esse serviço de checagem usando um selo de identificação de *fake*, como fazem os checadores¹¹. Na página *web* do MS, uma plataforma monitorava parte das comunicações enviadas pela população ao próprio MS com mensagens consideradas potencialmente suspeitas ou que mereciam acompanhamento e checagem. Para analisar a plataforma do MS, foi planejada uma coleta dos dados, desenvolvida em três fases:

A primeira, com o uso de um *software* que automatiza a coleta por meio de robôs com ações idênticas a um usuário humano, integrada com Inteligência Artificial. De forma simples, simula usuários extraíndo textos.

A segunda fase consistiu em um processo de validação e tratamento das informações coletadas pelo robô. Nessa etapa, era executado processo manual que abria o arquivo de texto gerado pelo robô e iniciava a limpeza, retirando as informações que não faziam parte do conjunto de notícias falsas;

A terceira fase foi o processamento e análise de texto. Para isso, utilizou-se uma ferramenta *on-line* e *open source* de análise de textos, o *Voyant Tools*, homologado para uso em pesquisas pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict):

A união dessas ferramentas e procedimentos permitiu instrumentalizar busca, validação e análise das falsas informações registradas no *site* do MS.

Para a identificação e classificação das falsas informações ou *fakes*, foram executados os seguintes procedimentos:

1. identificação das páginas e os conteúdos que tratam especificamente sobre o novo coronavírus;
2. definição da palavra-chave ‘Coronavirus’ para a consulta a base de dados;
3. definição do período de janeiro a maio de 2020 como marco da sondagem e mineração dos dados;
4. coleta das informações com o uso de um robô segundo o marco temporal;

i. Laboratório em rede de humanidades digitais – http://www.larhud.ibict.br/index.php?title=Voyant_Tools

5. validação e tratamento das informações coletadas pelo robô;
6. importação dos dados tratados no formato texto para ferramenta *on-line* e *open source* de análise de textos;
7. processamento do texto com geração de nuvem de palavras com os termos de maior frequência apresentados nos conjuntos de *fakes*;
8. análise e apresentação dos resultados por palavras que mais se repetem nos textos identificados como falsas informações.

Universo e amostra

O universo da pesquisa, ou população estudada, é o conjunto de indivíduos ou objetos que possuem as características que serão analisados no estudo; e a amostra, ou população amostral, é uma parte do universo selecionada com um ou mais critério(s) de representatividade^{12,13}.

Partindo da especulação em uma informação divulgada pelo secretário-executivo do MS, João Gabbardo dos Reis¹⁴, sobre o número de mensagens verificadas pelos técnicos: “[...] 6.500 mensagens recebidas e analisadas entre 22 de janeiro e 27 de fevereiro, 90% (5.850) eram relacionadas ao novo vírus. Desse total de informações sobre o coronavírus, 85% (4.972) eram falsas”¹¹. O MS não explica a origem das mensagens encaminhadas para o órgão, mas é significativo o número de ocorrências de falsas informações circulando nas redes no período.

Para verificar a veracidade dos números mostrados pelo MS, partiu-se para averiguar a página checador do MS e os conteúdos que tratam sobre o novo coronavírus, utilizando a palavra-chave ‘Coronavirus’ na consulta a base de dados da plataforma. Demarcou-se o período de janeiro a maio de 2020 para a coleta das informações com o uso do robô, e apurou-se que a quantidade de notícias falsas no site do MS correspondia apenas a um total de 81 registros. Significa dizer que os dados apresentados pelo MS sobre a circulação de 6.500 mensagens são superestimados e não retratam o quantitativo apresentado na página checadora do próprio MS, mas poderiam indicar sua multiplicidade e circularidade.

Sem entrar no mérito dessa questão, dada a impossibilidade de verificação, adotou-se um critério de representatividade atribuído para a determinação da amostra selecionando-se apenas as notícias com o selo de ‘fake news’ sem considerar sua reprodução e repetição. Isso porque, no conjunto de palavras coletadas a partir do uso da palavra-chave ‘Coronavirus’, identificou-se também um outro conjunto com notícias

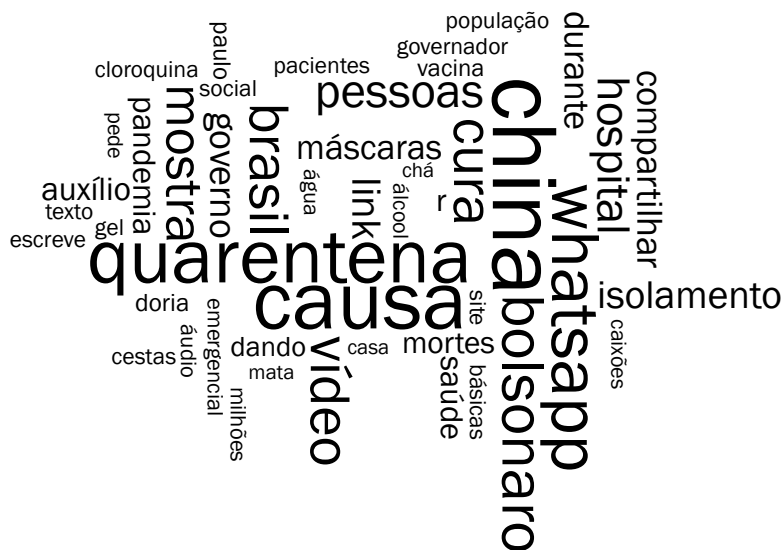
mações para enquadrar uma questão ou indivíduo” é uma tática desinformativa. A palavra ‘cura’ pode despertar o interesse das pessoas, principalmente no momento atual, quando há imprecisos relatos sobre a produção ou descoberta de vacinas e remédios no combate ao novo coronavírus. Infere-se, da análise dos dados aportados pela página do MS, que houve uma preocupação maior em registrar e tratar esses tipos de mensagens, apesar de não haver no *site* nenhuma observação sobre qual estratégia foi utilizada pelo MS para seleção das notícias. Para tentar interpretar as mensagens registradas pelo MS e observar se, no período inicial da pandemia, há um padrão nas mensagens checadas por outras ferramentas de verificação, o mesmo procedimento foi realizado em três outros checadores: o Boatos.org, o Fato ou Fake e o Lupa.

Checador Boatos.org

O Boatos.org (<https://www.boatos.org/>), do jornalista Edgard Matsuki, foi criado em junho de 2013, a partir da necessidade de um espaço que filtrasse o grande volume de informações contidas na internet e que são repassadas nas redes sociais. O objetivo é compilar as falsas notícias que são coletadas pelo checador, prestando um serviço para o usuário e divulgando a ação de verificação. Entretanto, o Boatos.org não é signatário do código de princípios da IFCN.

No Boatos.org, as palavras que mais se repetem, entre janeiro e maio, nas mensagens de *fakenews* identificadas por esse checador, conforme figura 2, são: ‘china’, ‘quarentena’ e ‘causa’. Não foi identificada uma frequência na palavra ‘cura’ e suas derivações. Infere-se que mensagens sobre a China se tornaram a principal temática circulante nas informações coletadas pelo checador. As outras duas palavras destacam o efeito da pandemia, como a quarentena e tudo que ela tem causado. A narrativa desse checador é focar a causa e os efeitos da pandemia.

Figura 2– Boatos.org – Nuvem de *tags* com termos mais usados nas falsas mensagens publicadas no checador(11/06/2020)



Checador Fato ou Fake

O G1 das organizações Globo criou a seção Fato ou Fake (<https://g1.globo.com/fato-ou-fake>) com o objetivo de alertar os brasileiros sobre conteúdos duvidosos disseminados na internet ou pelo celular, esclarecendo o que é notícia ‘fato’ e o que é falsa informação ‘fake’. O trabalho do grupo é destinado a apurar fatos comprováveis e denunciar abusos ou falsas orientações, não sendo abordadas opiniões nem dados lastreados em observações de tendências ou previsão de acontecimentos futuros. O Fato ou Fake também não é signatário do código de princípios da IFCN. No Fato ou Fake, as palavras de maior frequência nas mensagens de *fakenews* identificadas pelo checador, conforme figura 3, são: ‘vídeo’, ‘isolamento’ e ‘foto’.

estatísticos, comparações e informações relativas à legalidade ou constitucionalidade de um fato noticiado. Esse levantamento diário é a matéria-prima das checagens produzidas pela agência. A Lupa é signatária do código de princípios da IFCN.

Durante a pesquisa com essa agência de checagem, também não foram identificadas a palavra ‘cura’ e suas derivações como observado na página do MS. As palavras com maior frequência nas falsas mensagens são: ‘vídeo’, ‘pacientes’ e ‘pandemia’. Na checagem da Lupa, os destaques são para os vídeos e fotos relacionando fatos antigos com o contexto atual da pandemia, como, por exemplo: fotos de caixões vazios para confundir o leitor sobre o número de enterros no Amazonas e suposta reportagem com alerta da OMS sobre máscaras infectadas com o novo coronavírus; vídeos gravados na entrada de hospitais para questionar a existência da pandemia; foto antiga de pessoas caídas na rua associadas a fatos recentes sobre o novo coronavírus. A narrativa desse checador é a preocupação com o contexto usado nas mensagens falsas.

Considerações finais

É possível identificar que não há um padrão nas fakes avaliadas pelos checadores dentro de um mesmo período; parece que eles são influenciados por fatores distintos, evidenciando também diferentes perspectivas na avaliação editorial do próprio checador. A partir dos primeiros resultados desta investigação e observando o que circula na literatura, conclui-se que a maior parte das falsas narrativas tem seu terreno fértil na falta de atenção das pessoas em checar suas fontes. A maioria repassa o que recebe sem avaliar a origem da informação ou averiguar os dados, incluindo as autoridades. A desinformação, além de promover um confronto político desnecessário ao momento de crise sanitária, dá destaque a informações falsas com soluções ou tratamentos que não garantem a cura da doença e criam dúvidas quanto à efetividade do isolamento social. Ainda sem certezas sobre tratamentos efetivos, sabe-se que o problema de saúde pública atual revela também fragilidades do sistema de saúde no que diz respeito ao componente informacional e à necessidade de complementar as ações de prevenção e combate à covid-19 com campanhas educativas.

Referências

1. Organização Pan-Americana da Saúde. Entendendo a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Folhetoinformativo. Saúde digital. Washington, D.C.; 2020 [citado 2020 out 18]. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=14
2. OhanaV. Bolsonaro debocha de epidemia do coronavírus no Brasil: “Gripezinha”. Carta capital [Internet]. 2020 mar. 20 [citado 2020 out 18]. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-debocha-de-epidemia-do-coronavirus-no-brasil-gripezinha/>
3. Congresso em foco. “Gripezinha” e “histeria”: cinco vezes em que Bolsonaro minimizou o coronavírus. Congresso em foco [Internet]. 2020 abr. 01 [citado 2020 out 18]. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/gripezinha-e-histeria-cinco-vezes-em-que-bolsonaro-minimizou-o-coronavirus/>
4. Henrique G, Arcoverde L, Corsalette C. Pronunciamento de Bolsonaro na TV: o contexto e as contestações. Nexo [Internet]. 2020 mar. 24 [citado 2020 jun 18]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/24/Pronunciamento-de-Bolsonaro-na-TV-o-contexto-e-as-contesta%C3%A7%C3%B5es>
5. Saracevic T. Interdisciplinary nature of information science. *Ci Inf.* 1995;24(1):1-9.
6. Santos RB, Simeão ELMS, Belluzzo RCB. Competência em Informação (CoInfo) no bibliotecário protagonista: estudo do perfil da Rede de Bibliotecas de Pesquisa do MCTIC à luz do Diagrama Belluzzo. *IncSoc* [Internet]. 2014 [citado 2016 dez 16];8(1):89-100. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/3025/2767>
7. Vetrirt FGCM. Práticas de checagem de fatos no Brasil: os sites de fact-checking e a participação dos indivíduos em rede. *Cambiassu.* 2020;15(25):52-70.
8. International Fact Checking Network. IFCN Code of Principles Report [Internet]. 2018 [citado 2020 out 14]. Disponível em: https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/storage/docs/PUBLIC_VERSION-CODE_OF_PRINCIPLES_REPORT_YEAR_1_REV_AM.pdf?v=1538242914
9. Wilson C, Grizzle A, Tuazon R, Akyempong K, CheungCK. Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores. Brasília: Unesco, UFTM; 2013. 194 p.
10. Sinclair S, Rockwell G. Voyant Tools [Internet]. 2020 [citado 2020 jun 26]. Disponível em: <https://voyant-tools.org/?view=Cirrus&corpus=c11cd023faf614e7719d16f96ac4d94e>
11. Martins H, Helena, organizadora. Desinformação: crise política e saídas democráticas para as fakenews. São Paulo: Veneta; 2020.

12. Vegara SC. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 12. ed. São Paulo: Atlas; 2010.
13. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2010.
14. Cancian N. Fakenews atingem 85% das mensagens sobre coronavírus checadas pelo Ministério da Saúde. Folha de São Paulo [Internet]. 2020 fev 29 [citado 2020 out 10]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/02/fake-news-atingem-85-das-mensagens-sobre-coronavirus-checadas-pelo-ministerio-da-saude.shtml>
15. Wardle C, Derakhshan H. Information Disorder: Towards an Interdisciplinary Framework for Research and Policy-Making [Internet]. Council of Europe; 2017 [citado 2020 mar 12]. Disponível em: <https://firstdraftnews.com/resource/coe-report/>
16. Equipe Lupa. Como a Lupa faz suas checagens? [Internet]. Piauí. 2015 out. 15 [citado 2020 out 07]. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>

Acesse a **Biblioteca Digital do Conass** e baixe esta publicação
e os demais volumes da Linha Editorial Internacional de
Apoio aos Sistemas de Saúde (LEIASS) e muito mais!

www.conass.org.br/biblioteca

